

A TEORIA DA HISTÓRIA NO BRASIL: A CONSOLIDAÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS

Diogo da Silva Roiz*

Resenha:

DIEHL, Astor Antônio. *Teorias da História (uma proposta de estudos)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004, 134p.

Era comum no Brasil dos anos de 1970 o aparecimento de questionamentos sobre a escassez de estudos sobre as teorias da história em nossas universidades. Há pouco mais de quinze anos esse quadro vêm mudando, porque além das pesquisas nesse campo serem mais numerosas, também tem ocorrido um aumento nas traduções de obras estrangeiras, como ainda da publicação de obras elaboradas por pesquisadores brasileiros, a partir de suas dissertações e teses, ou por meio de pesquisas sem a pretensão originária de obtenção de títulos acadêmicos. E é justamente por intermédio de pesquisadores brasileiros, na maior parte reunidos em associações (como a Anpuh) e grupos de pesquisa (cadastrados no CNPq), que está ocorrendo progressivamente o desenvolvimento deste campo de estudos no país.

O professor e pesquisador Astor Antônio Diehl é um desses casos. Graduado em Estudos Sociais em 1980 e Licenciado em História em 1982 pela PUC/RS, onde também concluiu em 1986 seu mestrado na área de História do Brasil. Fez seu doutoramento na Alemanha em Teoria, Metodologia e Didática da História pela Ruhr-Universität Bochum, sob a

* Mestre em História pela UNESP, Campus de Franca. Coordenador do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai.

orientação do professor Jörn Rüsen, concluindo-o em 1991. Dessa pesquisa resultaram quatro livros sobre a origem e desenvolvimento de uma cultura historiográfica no Brasil. Desde então, após ter retornado ao país, vem se dedicando ao estudo das teorias da história na Universidade de Passo Fundo, onde é professor e pesquisador. Resultado de suas pesquisas nesse campo é seu último livro, cujo título (*Teorias da História*) já indica seu interesse pelo tema. Conhecedor desse campo de estudos seu objetivo nesse livro foi “elaborar uma proposta de estudos para a disciplina Teorias da História” (2004: 7), que além de não se pretender única, visa tirar algumas dúvidas e facilitar o ingresso de iniciantes com uma primeira aproximação ao tema. Essa proposta, segundo o autor, está vinculada com outros quatro trabalhos “complementares já prontos e que serão publicados em seguida”. São eles: *Metodologia da pesquisa histórica; Historiografia e cultura historiográfica; Tempo de experiências contemporâneas e Fascinação histórica: sobre a estética e a função da história hoje*. Todos esses trabalhos também se configuram como propostas de estudo.

O livro foi dividido em quatro capítulos. Demonstra logo de início que a problemática da ‘crise da razão histórica’ no Brasil, e a conseqüente fragmentação das análises sobre os processos, as abordagens e as interpretações das sociedades passadas e presentes, fazem parte de sua discussão central no livro, e essa foi também uma das razões de tê-lo escrito. Para ele: “Até a década de 1980, temos paradigmas teórico-metodológicos otimistas (...) Atualmente (...) em vez disso, [temos] um retorno ao passado, ao indivíduo, ressaltando-se os aspectos etnoantropológicos de uma visão cultural pessimista” (2004: 16). De modo que o autor elege alguns pontos a serem analisados: a) o “conhecimento histórico no contexto dos séculos XVIII e XIX”; b) “mapear os questionamentos dos cientistas sociais – historiadores – em relação a sua própria disciplina”; c) e “considera o estudo dos deslocamentos de paradigmas tradicional-modernos, em crise, para as recentes tendências

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 339-344, jan./jun. 2007

teórico-metodológicas” (2004: 17). Nesse sentido, o autor considera que a “história como disciplina, quando pretende ter plausibilidade científica no quadro das ciências humanas, deve contemplar uma matriz composta de, pelo menos, cinco elementos que a fundamentem como tal. Esses elementos da matriz [inspirados a partir da análise de Jörn Rüsen] são: os interesses pelo conhecimento histórico; as perspectivas teóricas sobre o passado; a metodologia e as técnicas de pesquisa; as formas de representação do conhecimento, ou seja, as formas narrativas historiográficas e, finalmente, as funções didáticas da história. Nesse sentido, o pensar histórico terá plausibilidade científica se o historiador conseguir argumentar com base em três perspectivas de interesse: o teor das experiências, o teor das normas e o teor dos sentidos” (2004: 21). Para o autor cada uma dessas perspectivas teria um significado preciso: “com o *teor das experiências* queremos dizer que o passado terá sentido a partir das orientações, dos problemas do nosso presente e da prática social atual, com o *teor das normas* quer-se dizer sobre a função que o conhecimento terá na atualidade e, finalmente, por *teor dos sentidos* denominamos o espaço sociocultural no qual o conhecimento é produzido” (2004: 22). E nesse caso, o autor não observa de forma negativa a crise do pensamento histórico-historiográfico atual, mas como uma oportunidade para se avançar, e essa seria uma das justificativas para “o significado e a importância de uma proposta de estudos na área de teorias da história” (2004: 23).

Assim, não foi por acaso, que antes de discutir sua proposta, o autor demonstrou para os seus prováveis leitores a forma de se aproximar dos textos teóricos, com algumas técnicas para melhor aproveitar suas leituras. Para ele é preciso: a) estabelecer o objeto da leitura, quer dizer, definir o que se pretende questionar e responder; b) deve-se primar pela leitura integral do texto; c) e com isso analisar o conteúdo, localizando a idéia central, as idéias que constituem a argumentação do autor para sua idéia ou questão central e, também, localizar as idéias secundárias, e como elas se

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 339-344, jan./jun. 2007

articulam na análise e na argumentação do autor; d) para, enfim, interpretar o texto vendo suas propostas, suas ligações com outros textos, sua abordagem e informações, que juízos de valor comporta, que lacunas deixou e a quais conclusões atingiu. Em todas essas etapas de leitura, segundo o autor, o leitor deve fazer anotações, comentários e questionamentos para nortear suas interpretações dos textos.

O ponto central do livro são as duas propostas para um programa da disciplina teorias da história. Na primeira se estudaria “o paradigma da ciência e os sistemas teóricos de fundamentação e de constituição da possibilidade científica da história na análise das especificidades da produção dos conhecimentos históricos”, observando “o debate do conhecimento histórico na chamada ‘crise da modernidade’ e no ambiente pós-moderno”, e se estudaria “os limites e as possibilidades da história a partir das concepções teóricas fundadoras da moderna ciência, tomando por base o iluminismo/romantismo, o idealismo, o positivismo, o marxismo e a concepção weberiana de história” (2004: 34). A segunda proposta foi precedida por um texto introdutório, no qual discutiu “aspectos de desilusão da idéia de progresso na história e suas implicações”. Esse texto é uma versão ligeiramente reformulada de capítulo do livro *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação* publicado pela Edusc em 2002. Após esse texto introdutório indica sua segunda proposta. Nesta se estudaria “os limites do paradigma da ciência e os sistemas teóricos no movimento dos Annales e seus deslocamentos (...) as tendências atuais do debate teórico a partir da história nova, da história social, da história das mentalidades, da história do cotidiano, da nova história cultural, da microhistória e da psicanálise (...) a plausibilidade científica da história no contexto atual do debate em torno da pós-modernidade” (2004: 85).

Em ambas as propostas o autor define a bibliografia a ser trabalhada. No entanto, talvez aqui fique a maior lacuna do texto, que foi o autor não ter comentado a escolha dos livros (mesmo considerando que são básicos para o

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 339-344, jan./jun. 2007

tema), nem a forma como deveriam ser lidos ou articulados (com exceção para os tópicos), ou ainda, com textos introdutórios também fazer pequenas indicações sobre os livros selecionados para facilitar o ingresso do iniciante nesse tipo de leitura. Em todo caso, o autor foi bastante didático ao colocar em prática sua sugestão de leitura dos textos, deixando espaços em branco no livro para serem preenchidos com as anotações e os comentários, provenientes das interpretações de seus possíveis leitores.

Na sua conclusão o autor indica que o livro deve ser visto como um roteiro básico que possibilite ao iniciante a constituição do *status* da história como disciplina. Para ele toda “essa conjunção de aspectos e motivações ao estudo da história deve ser vista como positiva no desvelamento do passado. Mas tudo isso também, gera uma fragilidade teórica da história como disciplina. Se a história ganhou, por um lado, a possibilidade de se aproximar mais do passado, por outro, ela está perdendo no que diz às teorizações sobre a possibilidade da mudança social” (2004: 119). Foi com esse objetivo que o autor demarcou um roteiro para se ‘reler os clássicos’, “já não com as viseiras da ortodoxia do intransigente, mas como possibilidade de contribuírem para o debate dos dilemas contemporâneos” (2004: 120). Por isso o autor indica que nem tudo dos modernos está morto, assim como nem tudo dos pós-modernos resistirá à prova do tempo. Para ele a “crise da razão histórica não deve ser entendida como o processo de volatilização e decadência da história como disciplina, mas sim, como uma profunda mudança estrutural nos interesses sobre o passado, nas formas de teorizar, de metodizar, narrar e didatizar a história” (2004: 120). Por isso chega a seguinte conclusão com esse livro:

O sentido dessa reconstituição possibilitará problematizarmos o passado a partir de duas vertentes: a cultura da mudança e as idéias de futuro que se tinha no passado. O conteúdo dessas vertentes são os fundamentos da cultura historiográfica, a qual propicia o sentido tríplice renovado para a história: o sentido da função emancipatória, o sentido da função utópica e o sentido da função da alteridade. Nessa mesma orientação, tal reconstituição possibilitará os argumentos necessários para nos

aproximarmos de respostas para as questões formuladas em relação ao sentido da história no tempo presente (2004: 120).